

JOVENS ENVOLVIDOS COM A CRIMINALIDADE: TRAJETÓRIAS E SAÍDAS POSSÍVEIS

Erivane Rocha Ribeiro¹
Alessandro Pereira dos Santos²
Bárbara Caetana Neto³
Fabrícia Nascimento Araújo Teixeira⁴
Leila Silva Lemes⁵
Luciana de Oliveira Venâncio da Silva⁶
Mônica Cristina dos Santos⁷

Resumo: O presente artigo é fruto de uma pesquisa que teve como objetivo investigar o processo de subjetivação e a trajetória estabelecida por jovens envolvidos com a criminalidade, bem como os fatores que contribuem para seu desligamento da criminalidade. O trabalho tem na psicanálise seu principal aporte teórico. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que utilizou, como método, o estudo de caso e, como instrumento de coleta de dados, entrevistas semiestruturadas realizadas com três jovens atendidos pelo Programa Controle de Homicídios – Fica Vivo! em aglomerados na região metropolitana de Belo Horizonte. Para a realização e estruturação da pesquisa, foram estabelecidas as seguintes categorias de análise: circulação territorial; acesso às drogas, ao tráfico e às decorrentes rivalidades; envolvimento com a criminalidade; histórico familiar e trajetória de vida; vinculação institucional e saída do tráfico. Essas categorias orientaram a realização da pesquisa e a obtenção dos resultados, no que concerne às saídas possíveis encontradas por jovens para a desvinculação do tráfico de drogas.

Palavras-chave: Jovem; Subjetivação; Gangues; Criminalidade; Saídas possíveis.

Abstract: This article is the result of a research that aimed to investigate the process of subjectivities and the course taken by young people involved with criminality, as well as the factors that contributed to their withdrawal from criminality. The work had psychoanalysis as its main theoretical contribution. It is a qualitative research which used case study as methodology. The data collection instruments were semi-structured interviews with three young people attended by the Programa Controle de Homicídios – Fica Vivo! (Homicide Control Program – Stay alive!) in a group of slums in the metropolitan region of Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. The following categories of analysis were established for the accomplishment and structuration of the research: territorial circulation; access to drugs, drug trafficking and consequent rivalries; involvement with criminality; family history and life course; institutional linkages; and withdrawal from trafficking. These categories oriented the accomplishment of the research and the achievement of results, in relation to the possible solutions found by young people to get free from drug trafficking.

Keywords: young people; subjectivities; gangs; criminality; possible solutions.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como propósito apresentar o caminho percorrido pela equipe de pesquisa responsável pelo estudo intitulado “Jovens envolvidos com a criminalidade: trajetórias e saídas possíveis”, cujo objetivo é investigar o processo de subjetivação e a trajetória estabelecida por jovens envolvidos com a criminalidade, bem como os fatores que contribuem para seu desligamento da prática criminosa.

De acordo com estimativas de *População Residente* apresentadas pelo Datasus/MS para o ano de 2012, a nação brasileira conta com aproximadamente 52,2 milhões de jovens com idades entre 15 e 29 anos. Esse número representa 26,9% do total de 194,0 milhões de habitantes projetados para o país pela mesma fonte (WASELFISZ, 2014).

Dados apresentados pelo *Mapa da Violência 2014* (WASELFISZ, 2014) indicam que, apesar de a taxa de mortalidade da população brasileira em geral ter alcançado uma queda de 631 por 100 mil habitantes, em 1980, para 608, em 2012, o mesmo não se pode dizer da taxa de mortalidade juvenil. Esta última se manteve praticamente inalterada no mesmo período, apresentando, ainda, um pequeno aumento, com números que passaram de 146 mortes por 100 mil jovens, em 1980, para 149, em 2012.

Existem processos diversos que justificam o diferencial nos ritmos de evolução da mortalidade; entretanto, as *causas externas* – como são consideradas as mortes por homicídios, acidentes de transporte e suicídio – já eram responsáveis pela metade exata, ou seja, 50,0% de mortes de jovens no país (WASELFISZ, 2014). Mais precisamente, no ano de 2012, de um total de 77.805 óbitos registrados pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, 55.291 tiveram sua origem nas *causas externas*, fazendo com que esse percentual se elevasse drasticamente: no ano de 2011, mais de 2/3 dos jovens brasileiros – 71,1% – morreram por *causas externas*. Dentre essas causas, os homicídios e os acidentes de trânsito são os maiores responsáveis pela ceifa da vida dos jovens brasileiros (WASELFISZ, 2014).

O *Mapa* chama a atenção para o aumento atroz dos homicídios – maior causa de mortalidade juvenil no Brasil – a partir dos 13 anos de idade, em que as taxas elevam-se de 4,0 homicídios por 100 mil jovens para 75,0 na idade de 21 anos. As taxas de homicídio nessa faixa jovem atingem índices que nem mesmo países em conflito armado alcançam (WASELFISZ, 2014).

Estima-se que, atualmente, adolescentes e jovens

com idades entre 12 e 29 anos representam aproximadamente 35% da população brasileira e constituem, conforme já apresentado anteriormente, as principais vítimas de crimes violentos. Apesar de essa morte não expressar todas as formas de violência cotidiana, ela pode ser considerada como o mais alto grau de violência interpessoal (MIRANDA, 2010).

Os altos índices de homicídio entre os jovens brasileiros estão associados à prática de atividades criminosas por parte desses sujeitos, como o envolvimento com o tráfico de drogas e a entrada nas gangues. A relação entre juventude e criminalidade tem se colocado como uma questão desafiadora para a sociedade civil, o Estado e a comunidade acadêmica, que pouco tem produzido sobre o assunto, sobretudo no Brasil. Nisso reside a justificativa da realização de estudos sobre o tema que permitam a compreensão do fenômeno e, em contrapartida, a elaboração de medidas preventivas e de combate ao mesmo.

Santos (2011), em sua pesquisa de Mestrado, estabelece uma trajetória dos jovens envolvidos com a criminalidade, especialmente com o crime de homicídio. O referido autor constata uma série de elementos que interferem no cometimento de um crime. Essa trajetória se divide em três tempos: antes do crime, durante o crime e depois do crime.

O presente projeto se interessa especialmente pela terceira etapa, uma vez que a pesquisa tem como foco investigar a trajetória e os fatores (individuais e sociais) que contribuem para os jovens abandonarem o envolvimento com a criminalidade.

Para realizar o trabalho pretendido, a pesquisa foi estruturada em diversas etapas que construiriam o processo de investigação do fenômeno eleito. Desse modo, considera-se de significativa relevância iniciar o trabalho através da análise dos conceitos de “processo de subjetivação”, “trajetória”, “identificação”, “gangues” e “laço social”. Posteriormente, está a investigação da trajetória estabelecida pelos jovens para sua inserção em uma gangue; em seguida, vem a distinção entre os elementos individuais e coletivos do processo de subjetivação que interferem na decisão do jovem de entrar em uma gangue. E, a partir dessa compreensão, é preciso identificar a dinâmica de funcionamento das gangues e examinar, ainda, os vínculos estabelecidos entre os membros de uma gangue. Por fim, torna-se necessário investigar – apurar se existem – os elementos que contribuem para a desvinculação dos jovens das gangues.

Vale ressaltar que o processo de construção de uma pesquisa ocorre de forma dinâmica, podendo etapas serem executadas simultaneamente, sem a necessidade de

uma aplicação rigorosa e sistematizada quanto à sequência das mesmas.

A revisão do material publicado sobre o tema da pesquisa pareceu indicar que o laço do jovem com a criminalidade se estabelece por meio da tentativa de substituir um representante da lei paterna que falhou, ou como um sintoma formado para satisfazer a demanda pulsional que não foi satisfatoriamente interditada pelos mecanismos de defesa do aparelho psíquico, a fim de ter como destino a formação de um sintoma mais razoável para o sujeito.

Apesar disso, durante a investigação foram construídas algumas hipóteses na tentativa de compreender como se dá o envolvimento e o abandono do jovem com relação às práticas delituosas, sendo eleitas cinco possíveis leituras para o fenômeno estudado, com o objetivo de orientar a escuta e a investigação dos pesquisadores. São elas: “a pressuposição de um trauma ou ruptura na relação do jovem com a figura paterna”, que poderia provocar no sujeito a ausência de um significante capaz de orientar e regular o seu modo de gozo; “a associação ao tráfico como uma afirmação da virilidade”, em que o sujeito acredita que pode se apresentar como aquele que tem o falo e, ainda, ser aquele que detém poder e domínio sobre os demais; “o envolvimento do jovem com o crime em busca de reconhecimento”, quando ele se insere no crime como tentativa de se inscrever no campo do outro e assegurar o seu *status* de sujeito; também parece ser possível considerar que “os laços sociais auxiliam no distanciamento dos jovens em relação às gangues e, conseqüentemente, à criminalidade”, enfatizando que o estabelecimento dos laços sociais funciona como filtro de controle das influências contidas na estrutura social mais ampla (ROCHA, 2011).

Por fim, também é viável considerar “a vinculação aos programas sociais e as políticas públicas como parceiros para a construção de saídas da criminalidade”, o que poderia ser melhor investigado a partir do estudo dos casos dos entrevistados.

No que diz respeito à metodologia com a qual se desenvolveu a pesquisa, elegeu-se o método qualitativo, com o estudo de caso; como instrumento de coleta de dados, optou-se pela entrevista semiestruturada.

Como ponto de partida, a investigação tomou por referência a dissertação de Mestrado de Santos (2011), que estabelece uma trajetória dos jovens envolvidos com a criminalidade, privilegiando os sujeitos autores de crime de homicídio. Santos identifica uma série de elementos que interferem no cometimento de um crime e afirma que a trajetória do jovem se divide em três tempos, sendo eles o antes do crime, o duran-

te o crime e o depois do crime.

Para sustentar teoricamente as hipóteses eleitas para orientar o trabalho de escuta e de investigação dos pesquisadores sobre o tema, foram estudados os textos freudianos acerca da puberdade e suas implicações na construção da subjetividade, além das publicações lacanianas a respeito do ato do sujeito que contêm um endereçamento e uma mensagem a ser interpretada.

A partir desses referenciais fundamentais, diversos outros autores e estudos foram consultados para a investigação do processo de subjetivação e da trajetória de jovens envolvidos com a criminalidade, especialmente os sujeitos que se desassociaram de gangues envolvidas com o tráfico de drogas.

METODOLOGIA E OS RESULTADOS ENCONTRADOS

No que diz respeito a metodologia com a qual se desenvolveu a pesquisa, elegeu-se o método qualitativo, que permite aproximar e estabelecer uma relação entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador. Sua escolha se deu, especificamente, por privilegiar a investigação do fenômeno através da realização do estudo de caso. De acordo com Chizzotti (2003):

O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-lo analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora (CHIZZOTTI, 2003, p.102).

Foram realizadas três entrevistas com jovens atendidos pelo Programa Controle de Homicídios – Fica Vivo! na região metropolitana de Belo Horizonte.

A pesquisa sobre saídas possíveis para jovens envolvidos com a criminalidade, baseou em algumas hipóteses a partir da sua fundamentação teórica, pautada especialmente, na teoria psicanalítica. Os resultados abaixo apresentados, estabelecem uma relação entre as hipóteses e as conclusões. São eles:

A primeira hipótese da pesquisa, girou em torno da relação à filiação do jovem ao crime, pressupunha-se um trauma ou ruptura ocorrido na relação com a figura paterna ou a quem a represente, à medida que o arcabouço teórico que fundamenta a pesquisa estabelece uma relação entre trauma – representação paterna e criminalidade.

No que tange ao resultado da pesquisa observou que está hipótese foi parcialmente corroborada, à medida que a filiação a criminalidade, especialmente, ao tráfico,

se deu a partir do tráfico como forma de acesso a objetos de consumo, mulheres e reconhecimento. Não se observou uma relação direta entre trauma, figura paterna e acesso a criminalidade.

A segunda hipótese estabelecida era que o tráfico de drogas em alguma medida ofereceria um reconhecimento aos jovens, além disso, a participação no tráfico também se constituiria como um instrumento de afirmação. Com isso, parte-se da hipótese que o envolvimento com o tráfico permite ao jovem uma afirmação viril, tendo como tentativa o estabelecimento do laço social.

Está hipótese foi totalmente corroborada, à medida que todos os jovens entrevistados destacam o acesso ao tráfico de drogas como uma forma de reconhecimento, afirmação e obtenção de respeito. Uma afirmação de virilidade e masculinidade. Uma forma de estabelecer um laço social com o campo do Outro.

A terceira hipótese, referiu-se as saídas possíveis; a hipótese era que a saída tem relação com uma troca viril e de reconhecimento, à medida que o reconhecimento é algo central na entrada da prática criminal, a hipótese é que a saída se dê a partir de uma troca por uma coisa que ofereça reconhecimento.

Já está hipótese também foi corroborada, já que os jovens entrevistados apontaram que a saída do tráfico passou pelo reconhecimento da família, das companheiras e parcialmente da religião.

A quarta hipótese tem relação com os laços sociais. Tinha-se a hipótese que os laços sociais (família, igreja, relação amorosa, paternidade, entre outros) firmados pelos jovens envolvidos com a criminalidade implicariam em um distanciamento desse jovem com as gangues e consequentemente com a criminalidade.

Está hipótese foi totalmente corroborada, à medida que os jovens ao apontarem uma saída para criminalidade foi preciso um novo enlaçamento com uma parceria amorosa, com a família e com a religião.

A quinta e última, teve como hipótese que os projetos sociais e as políticas públicas contribuem para as saídas dos jovens envolvidos com a criminalidade em relação ao processo de subjetivação.

Está hipótese não foi corroborada, poucos elementos nas entrevistas apontaram para uma relação direta entre a ação das políticas públicas e projetos sociais e a saída da criminalidade. O que se observou foi que o acolhimento da equipe técnica faz diferença no que tange a aproximação do jovem.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Sobre as trajetórias e saídas possíveis, a revisão do

material publicado sobre o tema da pesquisa pareceu indicar que o laço do jovem com a criminalidade se estabelece por meio da tentativa de substituir um representante da lei paterna que falhou, ou como um sintoma formado para satisfazer a demanda pulsional que não foi satisfatoriamente interdita pelos mecanismos de defesa do aparelho psíquico, a fim de ter como destino a formação de um sintoma mais razoável para o sujeito.

Estes aspectos parecem comuns a grande maioria dos casos estudados e publicados na literatura acadêmica. Apesar disto, as hipóteses construídas na tentativa de compreender como se dá o envolvimento e o abandono do jovem com relação às práticas delituosas serão apresentadas distintamente, a fim de facilitar a compreensão do raciocínio que resultou no levantamento de cada uma delas.

1.1 A pressuposição de um trauma ou ruptura na relação do jovem com a figura paterna

Ao discorrer a respeito da metáfora paterna, Lacan (*apud* SANTOS, 2011, p. 49) destaca a entrada do pai na composição da cena com quatro elementos, sendo eles a mãe, o filho, o pai e o bebê. Na metáfora paterna, o pai opera como aquele que tem a função de realizar a transmissão do significante Nome-do-pai.

Desse modo, o pai usará de sua posição simbólica para mediar – mais precisamente barrar – o desejo materno endereçado ao bebê. Aqui o pai tem a função de privar a mãe de tomar o filho como seu objeto de desejo ou objeto fálico, o que provocaria o abandono da criança ao desejo do Outro materno, alienada a ele. Conforme Lacan (*apud* SANTOS, 2011, p. 50):

O pai entra em jogo, isso é certo, como portador da lei, como proibidor do objeto que é a mãe. [...] Sabemos que a função do pai, o Nome-do-Pai, está ligada à proibição do incesto, mas ninguém jamais pensou em colocar no primeiro plano do complexo de castração o fato de o pai promulgar efetivamente a lei da proibição do incesto. [...] Em outras palavras, o pai como aquele que é culturalmente portador da lei, o pai como investido pelo significante do pai intervém no complexo de Édipo [...].

Segundo o pensamento lacaniano, a entrada do pai se dá em três tempos, sendo o primeiro aquele em que o pai surge de uma maneira velada; no segundo tempo ele aparece como o “privador”; e, por fim, no terceiro tempo o pai aparece como portador, aquele que tem o falo e pode dá-lo à mãe (SANTOS, 2011).

Muito tem sido discutido a respeito da falência da função paterna, quando aquele que detém a lei não con-

segue impor a regulação ao sujeito, que se mostra sem barreiras ou bordas. Esta falência não tem se apresentado apenas na figura do pai, mas em todo representante da lei, como por exemplo o Estado, as instituições, as figuras de autoridade, entre outros.

Quando a lei paterna falha o que ocorre é uma exacerbação do domínio materno, que convoca o sujeito a ocupar o lugar de objeto fálico da mãe, alienado ao seu desejo mortífero.

Na tentativa de encontrar algo que substitua o significante do pai e seja capaz de operar uma contenção do gozo, o jovem pode partir em busca do encontro de uma “figura de peso” que permita alguma regulação ao modo de gozar do sujeito (FREUD *apud* CAPANEMA; VORCARO, 2012, p. 154). Diante do que faz “furo no real” a saída pode ocorrer pelo encontro com algo que simule uma versão do pai, ou um dos Nomes-do-pai, que, através do semblante, forneça uma sustentação para o sujeito jovem (LACAN *apud* CAPANEMA; VORCARO, 2012, p. 154).

1.2 A associação ao tráfico como uma afirmação da virilidade

Um dos motivos pelo qual o jovem pode se associar ao crime, especialmente ao tráfico pelo fácil acesso às armas e ao dinheiro, pode ser justamente pelo *status* que o crime lhe confere, ou seja, o reconhecimento do outro.

O sujeito acredita que pode representar ter aquilo que o outro deseja apresentando-se como aquele que tem o falo e, ainda, ser aquele que detém poder e domínio sobre os demais – o que lhe permite impor o seu desejo mediante o uso da força e da violência. Por este motivo, os jovens exibem orgulhosos as armas na cintura e não se preocupam em se dar o trabalho de escondê-las. Pela mesma lógica, ostentam dinheiro, carros, motos, mulheres e festas regadas a álcool e drogas.

Toda essa cena é montada para garantir que o outro veja – reconheça – os atributos e potencialidades do sujeito; este fará o que for preciso para provar sua virilidade. Por esta razão, a reciprocidade das agressões são trocadas entre as gangues rivais sempre com equivalente força e violência (ROCHA, 2012).

A importância de “correr atrás” corresponde ao esforço em manter a “fachada” destes grupos, tanto pelas impressões que os integrantes têm de si mesmos quanto pelas que eles pretendem transmitir para os demais (GOFFMAN *apud* ROCHA, 2012, p.124). Assim, quando um grupo ou integrante de uma gangue é confrontado, ele percebe que o que está em jogo é a imagem viril que ele tem de si e a qual ele deseja bancar para o outro:

Sofrer uma agressão ou ser ameaçado coloca o grupo e seus integrantes em uma posição frente a qual aparente-

mente só existem duas saídas – aceitar e se submeter ao agressor, e incorporar a ruptura com a imagem até então projetada pelo grupo, simultaneamente sinalizando para os rivais que aquela gangue não está “correndo atrás” de ataques sofridos; ou responder a esta mesma agressão com um revide, demonstrando a disposição do grupo de “correr atrás” e “cobrar o prejuízo” que sofreram (ROCHA, 2012, p. 124).

Desta forma, cobrar uma agressão ou ameaça sofrida é uma tentativa de restaurar uma fachada compartilhada pelos envolvidos. A prova da virilidade pode ser entendida como uma tentativa do jovem de estabelecer o laço social com o outro, ainda que de forma precária e fragilizada, pela representação daquele que tem o que o outro deseja.

1.3 O envolvimento do jovem com o crime em busca de reconhecimento

Se o jovem se insere no crime como tentativa de se inscrever no campo do outro e assegurar o seu *status* de sujeito, pode-se pensar e, algo que lhe permita atribuir um novo sentido à sua cadeia de significantes, redirecionando a libido para um investimento em um novo objeto de satisfação. Considerando que aquilo que o sujeito procura no tráfico é o gozo fálico, a saída deste poderá se dar pela oferta de algo que lhe possibilite ter certo destaque, um lugar de onde poderá marcar sua existência para o outro, ao mesmo tempo em que lhe possibilite o estabelecimento de laços sociais menos frágeis.

1.4 Os laços sociais auxiliam no distanciamento dos jovens com as gangues e consequentemente com a criminalidade

A teoria do controle, vertente da Criminologia, enfatiza que o estabelecimento dos laços sociais na família, na escola, nos grupos de amigos, no emprego e no serviço militar, funciona como filtros de controle das influências contidas na estrutura social mais ampla (ROCHA, 2011). Além disto, ocorrências como o casamento, um trabalho fixo ou até mesmo o serviço militar podem funcionar como uma “ruptura paradigmática crítica que induz às descontinuidades na história de vida” (LAUB; SAMPSON *apud* ROCHA, 2011, p. 30), uma vez que possibilitam novos conjuntos de relações sociais, dependências e responsabilidades, e desta forma inauguram novas disciplinas na vida social.

Considerando que a transição para a vida adulta traz em seu seio novas instituições de controle social, Sampson e Laub desenvolveram uma teoria da faixa etária, destacando os controles sociais informais, que se apre-

sentam como possibilidade de transformação, à medida que o sujeito envelhece. Tal construção teórica lançava o foco sobre os variados estilos de criação dos filhos e dos laços emocionais fortes com os pais na infância, com os amigos, na escola, no casamento, no emprego na idade adulta, entre outros (ROCHA, 2011).

Estas mudanças que ocorrem ao longo da vida conforme se dão os vínculos sociais que unem o sujeito aos outros que habitam o mundo, podem explicar por que a prática de atividades ilegais alcança seu pico nos meados da adolescência e tende a cair, rapidamente, quando o jovem entra na idade adulta – os comportamentos delituosos sofrem a pressão exercida pelos controles sociais informais (ROCHA, 2011). Assim, parece claro que é necessário que entendamos como se dão os processos sociais para compreendermos as saídas que o sujeito pode estabelecer a partir deles.

1.5 A vinculação aos programas sociais e as políticas públicas como parceiros para a construção de saídas da criminalidade

Esta hipótese merece um pouco mais de investigação, uma vez que se trata apenas de uma ideia provocada por uma pergunta a respeito da intervenção dos programas e políticas públicas no combate e prevenção à criminalidade: qual o papel destes serviços no tratamento da questão da criminalidade? Eles de fato auxiliam o jovem que está interessado em elaborar uma saída do crime?

A fundamentação da pesquisa se deu a partir de uma revisão da literatura sobre a temática da criminalidade, do tráfico de drogas e das construções subjetivas dos jovens. Para as análises, optar-se-á na construção de categorias que viabilizem a leitura do conteúdo das entrevistas semiestruturadas a luz da teoria.

A interpretação dar-se-á a partir das seguintes categorias:

Circulação – Esta categoria refere-se ao movimento que o jovem produz territorialmente. Ou seja, abordar-se-á o acesso aos lugares, sua forma e as restrições em decorrência da vida comunitária e da dinâmica do tráfico de drogas local.

Drogas – Tráfico – Rivalidades – A presente categoria diz da iniciação do uso de drogas, do decorrente acesso a dinâmica do tráfico a partir desse uso e as rivalidades resultantes dos conflitos em torno do comércio e disputa territorial.

Envolvimento com a criminalidade – A referida categoria diz da dinâmica de acesso ao uso das drogas, das práticas criminais e funcionamento das gangues juvenis.

Família – Trajetória – A citada categoria aborda as in-

terações estabelecidas entre a família, as configurações e o percurso de formação familiar, e a relação desta com a inserção na prática criminal.

Vinculação Institucional – Esta categoria diz das interações que o jovem estabelece com as instituições e os impactos destas na inserção e na possível saída das práticas criminais.

Constituição do sujeito – A presente categoria refere-se a fundação do sujeito, suas marcas e decorrentes impactos.

Saída do tráfico – A categoria mencionada diz do movimento de desvinculação e as oscilações decorrentes do desejo do jovem de abandonar a prática criminal e as várias implicações que o impede de concluir linearmente este movimento, produzindo um percurso intermitente de saída, entrada e manutenção na dinâmica criminal.

A partir de agora, utilizar-se-á das categorias de análises para a leitura e interpretação das entrevistas e o cruzamento com a matriz teórica.

Sobre a circulação, aqui entendido como acesso aos lugares e as restrições decorrentes da vida comunitária e da dinâmica do tráfico de drogas local. Observa-se algumas restrições e implicações na vida dos jovens envolvidos com a criminalidade como afirmam os jovens entrevistados:

Ninguém pode subir, nem os meninos descem lá embaixo. Mesmo quem não tem envolvimento não gosta" (Jovem 1).

[...] Nó! É terrível porque você num pode ter uma paz na rua da sua casa, você fica com medo...igual Barra tá um conflito muito grande, um conflito muito grande. Você tem medo de tomar tiro, tomar bala perdida. Eu num posso estudar no Colégio Barra 1 porque os cara da minha rua num gosta dos cara de lá e nem os cara gosta dos cara de cá, então eu fico com medo de tomar um tiro e num dever nada, só por morar num lugar porque os cara num quer saber se tá matando pai de família, se tá matando trabalhador, se tá matando é [...] é...o cara que eles tá matando, eles quer é matar. (Jovem 2)

Como destaca Santos (2011) as rivalidades produzidas na dinâmica do tráfico de drogas, acaba delimitando e determinando a circulação territorial, como abordar-se-á adiante na discussão sobre a inserção no tráfico de drogas e as decorrentes rivalidades.

A segunda categoria de análise diz da iniciação do uso de drogas, do decorrente acesso a dinâmica do tráfico a partir desse uso e as rivalidades resultantes dos conflitos em torno do comércio e disputa territorial.

Santos (2011) ao estudar a acesso dos jovens as drogas e a posterior acesso as gangues, destaca que parte dos jovens que se inserem em gangues, o faz in-

cialmente pelo uso recreativo de drogas, como é possível observar no relato dos jovens.

É possível observar que a partir da iniciação do uso das drogas, ocorre uma “familiarização” entre o jovem usuário de drogas e a dinâmica do tráfico de drogas. Está aproximação, pode favorecer o acesso a gangue e a venda de drogas. Como se observa no relato do jovem:

Vou te explicar mais ou menos. Eu moro aqui nessa rua, aí vindo aqui é a favela, a boca. Aí eu ia pra lá e ficava lá sentado no banquinho. [...] Sempre ficava sentado. Aí os meninos vinha e conversava. Aí depois eu fui comecei a vender droga. [...] Eu fui lá em quem tinha a droga e falei: Tô afim de entrar pra isso aí. Aí ele foi conversou comigo e falou assim: se ocê “xisnovar” cê vai morrer. Falei: Beleza. Sou X9 não. Aí fui eu comecei a vender droga. (Jovem 1)

Neste aspecto é possível pensar a noção de laço social. Sobre o laço social, Barros (2007) afirma:

Pois, então, a relação do sujeito com seu mundo, seus outros e Outro, o que universalmente chamamos de relação social, faz-se em torno de uma irregularidade constitutiva, uma dessimetria fundamental. Não há correspondência entre o sujeito e o Outro, o que existe é uma alteridade radical. Se desse encontro poderá advir um laço social, será ao preço de ter sido arrancado, de modo irregular, um pedaço desse mundo, que, uma vez extraído, será sua causa. (BARROS, 2007, p.1).

Nesta perspectiva o laço social é uma conexão com o campo do Outro. Observa-se que a tentativa do jovem em conectar com o tráfico de drogas é uma tentativa de estabelecer laço social.

Sobre os motivos pelos quais os jovens se atraem pelo tráfico de drogas, estão o acesso aos objetos, o reconhecimento comunitário. Segundo Velho (1996 *apud* SANTOS, 2011) os jovens se envolvem nessa atividade visando obter prestígio e notoriedade entre as mulheres e seus pares e também como forma de terem acesso aos objetos de consumo que garantem seu valor, reconhecimento e prestígio social. Como também é possível observar no relato do jovem 1.

Pra falar a verdade quando eu comecei a ficar muito na rua, eu imaginava. Eu via, tipo quem já tava no tráfico com carro, como moto, com tênis bonito, com roupa bacana, e eu de havaianas. Muito quando a gente é pequeno assim, criança que tem 10-12 anos cê não liga muito pra roupa, sai com uma bermudinha sem camisa e ficava o dia todo na rua com o pé preto pulando pra lá e pra cá, pegando manga, esses trem. Depois fui ficando maiorzinho, fui vendo os bandidos, os bandidos não, os traficantes vamo por assim. Todo mundo com tênis, todo mundo falando e isso deve ser bom, porque todo mundo tá. (Jovem 1)

Já o jovem 3, ao dizer dos motivos que faz um jovem se envolver com o tráfico de drogas, destaca o acesso aos objetos, mas também uma ilusão que os jovens criam e os riscos. Ele diz:

Busca dinheiro, fama, poder, mulher, mas eles acha que isso tudo é mar de rosa, mas num é, eu falo pelo tanto que eu já envolvi (parte confusa, não tenho certeza se a frase está completa) envolvi tanto com o crime quanto com uma mulher que ta querendo me tirar do crime, já conseguiu uma vez, mas cara veio querendo vacilar pro lado dela, voltei de novo. Ai os jovem acha que a vida do crime é igual um creme, num é assim não, num é só chegar lá e passar e meter a mão na boca não. A vida do crime né brincadeira não sô! A vida do crime é uma coisa séria que o cara tem que entrar sabendo que vai morrer. Se ele tiver peito pra viver muito tempo e saber usar a cabeça ele vive muito tempo, agora vacilou um pouquinho já era! (Jovem 1)

Outro aspecto decorrente a inserção no tráfico de drogas, são as rivalidades, como descreve o jovem 1. Ele diz:

Eu comecei vendendo droga. Tipo pegava, tipo vamo supor, tudo cortadinho. Chama “dola”. Aí pegava tudo “dolado”. Pegava 60. Na época eu vendia pedra, comecei vendendo pedra, Crack. Aí foi pegava 60. Cada papel daquele é 10 reais. Aí eu pegava 60. Aí tinha 600 reais na minha mão. Aí 200 era meu, e 400 reais do cara. Aí ficava lá a noite toda vendendo. Em plantão. Toda favela, a maioria das favelas tem o plantão. De 7 horas da noite até 7 horas da manhã que eu tinha que ficar lá. Eu podia vender de 7 horas á 7, 12 horas. Se eu acabasse antes, ás vezes eu ia embora e ás vezes eu não ia. Porque tipo, no plantão se acontecesse alguma coisa, tipo os “alemão”, os meninos que nos tem guerra descesse pra lá e dá tiro, se pegasse em alguém a responsabilidade era minha. Se o plantão era meu, então eu que tinha que tá lá trocando tiro com eles, se caso eles descessem. (Jovem 1)

A terceira categoria de análise da pesquisa, girou em torno do envolvimento com a criminalidade, aqui entendido como a dinâmica de acesso ao uso das drogas, das práticas criminais e funcionamento das gangues juvenis.

Nessa perspectiva, o tráfico de drogas se mostra como oportunidade de inserção e realização social e econômica em detrimento à ausência de possibilidades ofertadas pelo mercado legal e à marginalização, sustentada pela sociedade e pelo Estado, do homem, jovem, negro e morador da favela.

Considerando o exposto acima, se faz necessário refletir quanto ao lugar que o tráfico ocupa na vida do sujeito: a) um lugar real, enquanto promessa de ganho financeiro rápido e fácil, de possibilidades para o con-

sumo de bens ofertados pela lógica capitalista que reconhecem o sujeito pelo seu poder aquisitivo e prestígio na sociedade; b) um lugar simbólico, visto a ausência do reconhecimento da lei, da falência das instituições reguladores responsáveis pela normatização e disciplina do sujeito. Diante do comprometimento da estrutura familiar, ausência paterna, expulsão da escola e deficiência nos aparatos de sustentação subjetiva e afetiva, o sujeito se identifica e se reconhece no tráfico, pois este, se mostra enquanto uma alternativa, simbólica, na supressão da falta existente, se fazendo presente como instituição normativa, acolhedora e protetora em troca da entrega e da fidelidade do sujeito.

Várias são as causalidades que podem influenciar o envolvimento de um jovem com a criminalidade. A questão econômica e de acesso a alimentação e a bens destacam, como apontado pelo jovem 1. Quando questionado sobre o motivo que influenciou seu envolvimento com a criminalidade, destaca:

Foi muito também pra ajudar a minha mãe. Porque quando meu pai tava preso. Aí chegou a vez que nós tinha só arroz pra comer dentro de casa, aí eu via aquilo minha mãe tipo deixando de comer alguma coisa pra dar pra nós pra sobrar. Aí eu fui peguei ficava olhando assim. Chegava dia de domingo minha mãe ia visitar o meu pai, nós ficava na rua. Porque tipo começava a brigar com meus primos dentro de casa aí minha tia e meu vô me pegava pelo braço ou pelo pé, jogava lá na rua e deixava. Então ele fechava o portão e me deixava lá na rua. Aí ficava o domingo todo na rua, pra lá e pra cá. Comendo manga verde, roubava chips, esses trem. Aí minha mãe chegava, brigava e falava: que ocês tá fazendo na rua? (Jovem 1)

Outro aspecto recorrente nas entrevistas para justificar o envolvimento é a expectativa de acesso ao dinheiro e a imagem que se cria do dinheiro associado a facilidades, como se observa no relato do início do envolvimento com a criminalidade do jovem 2, ele diz:

Teve um dia que, é...isso foi, foi até um...um momento que...eu até num gosto muito de lembrar não...é...eu tava na casa do meu colega, aí...ele vendia droga, aí ele chegou pra mim...ô...ô Vitinho, olha aqui procê vê, esse monte de dinheiro aqui, esse monte de droga aqui, quantos anos da sua vida você vai ter procê ganhar esse dinheiro que tá aqui em cima da mesa? Aí eu fiquei pegando aquele monte de dinheiro, aquele monte de dinheiro... eu já não, ah...se eu trabalhar minha vida toda eu não vou conseguir ter esse dinheiro todo aqui. E...nisso, foi umas 10 horas da manhã, deixou uma arma comigo, na minha casa e eu tinha 14 anos, tenho 20, eu tinha 14 anos. (Jovem 2)

O acesso aos objetos e o reconhecimento são fatores que influenciam o envolvimento do jovem com a criminalidade. Verifica-se também que a dimensão imaginária em relação ao tráfico é marcante, como pode ser observado no relato do jovem 3. Sobre a imagem do tráfico e a influência sofrida, ele destaca:

Em relação a isso aí que que acontece, em relação a isso a aí vender droga esses trem assim: cê ficava vendo os meninos no corre vai num lugar pega tanto, vai no outro pega outro tanto, acaba que cê vê os menino ganhando dinheiro e cê vira e fala assim "pô os cara ta nadando no dinheiro, porque que eu não posso fica assim?" se eu for, como eu num tenho idade pra trabalhar eu vou começar a ganhar dinheiro assim, acaba que cê vai começando a envolver, vai ganhando dinheiro, vai ganhando, ganhando a hora que cê vai ver cê ta mais afundado que tudo. (Jovem 3)

O último aspecto encontrado sobre o envolvimento refere-se é o uso de drogas. Um modo aparentemente desprezioso e que evolui. Como afirma o jovem 2. Ele diz: "Aí antes quando eu comecei não era envolvido com nada, só fumava maconha mesmo. Aí depois fui envolvendo. Mas quando você quer ser o tal, aí você começa a envolver, aí depois você vê que não compensa. Uns vê, e outros não vê." (Jovem 2).

A quarta categoria de análise da pesquisa aborda a questão da família e a trajetória de vida do jovem. A citada categoria aborda as interações estabelecidas entre a família, as configurações e o percurso de formação familiar, e a relação desta com a inserção na prática criminal.

Quando questionado sobre a configuração familiar e o envolvimento com o tráfico de drogas, o jovem 1 destaca a figura materna. Ele diz:

A minha família, sempre, não me apoiava nisso. Minha mãe sempre foi evangélica, minha vó é católica, e tipo o resto as minhas tias me criticava. Falava que eu ia ser bandido mesmo, que eu era ruim, que eu era isso e que eu era aquilo. Minha mãe sempre orou e ficou em casa orando. No começo ia atrás de mim, mas depois eu ia e corria aí ela ficava só em casa chorando e orando. Ligando e perguntando: Cadê, onde que cê tá? (Jovem 1)

Já a figura paterna tem destaque a partir dos conflitos. Sobre o pai, ele diz:

Nó, eu e meu pai ficou anos sem conversar por causa disso. Que o meu pai já foi praticamente usuário, aí tipo ele não ia comprar, porque ele sabia que era eu que tava vendendo lá. Aí mandava os amigo dele comprar para eles usar. Aí os amigos dele zuava, falava é seu filho que tá lá e não sei o quê. Aí tipo, nunca aceitou isso aí, quando ele tipo dava um tempo, parava de usar, aí ele ia ficava de cara virada pra mim. Aí nos tinha conflito

direto, de eu chegar de madrugada, 5hrs da manhã e não deixava eu entrar. Aí eu tirava a cerca e pulava lá dentro de casa. (Jovem 1)

Um traço de identificação com o pai refere-se ao uso de drogas. O pai era nomeado por ele como um usuário, semelhante a ele que iniciou seu envolvimento com a criminalidade a partir do uso de drogas.

Sobre sua trajetória, a configuração familiar e o envolvimento com o tráfico de drogas, ele descreve que aos 13 anos o pai estava preso, a mãe trabalhava durante todo dia e ele ficava sem supervisão de um adulto. Fala da atenção da mãe para com o irmão em detrimento dele. Ele estabelece uma relação direta entre o olhar da mãe e o envolvimento dele com a criminalidade, afirma:

Foi muito o que me levou? Foi a revolta. De ver muita coisa e não poder fazer nada. E tipo muitas vezes minha mãe dava mais atenção pra o meu irmão, aí eu ficava naquela. Já que ninguém tá ligando pra mim, vou envolver. Envolvi. Aí fui e comecei a vender droga. (Jovem 1)

Aqui é possível observar um claro apelo ao campo do Outro. O sujeito apela ao Outro, e produz uma resposta, o envolvimento com a criminalidade como uma demanda endereçada a mãe.

Enquanto o jovem 2 que por vezes, atribuiu a família o motivo de sua desvinculação com o tráfico de drogas, quando perguntado sobre a representação e o laço que tem com os pais responde:

Minha mãe é...tudo pra mim. Minha mãe é tudo pra mim. Minha mãe lava até meus tênis.
[...] Meu pai é...é tipo o porto seguro de lá de casa, tipo que se não tiver ele lá em casa, num...não tem estabilidade, não tem é...tipo força, é...tipo, tipo isso. Quando meu pai, meu pai perdeu uma perna...
Má pra mim mermo, ele é o herói. (Jovem 2)

Neste caso, é possível observar a centralidade da família e o laço que ele estabelece com a família, como abordar-se-á adiante no campo que tratará das saídas possíveis encontradas pelos jovens.

Já o jovem 3, no que se refere a família, destaca sua solidão. Ele diz: "Eu num tenho família não, sou um cara sozinho no mundo. Minha mãe sumiu no mapa, meu pai também sumiu no mapa." (Jovem 3).

Fala sobre o abandono do pai, o desejo de mata-lo e do reencontro. Destaca:

Foi, desde quando eu tinha quatro ano de idade, até que esses dia pra trás eu vi ele e virei pra ele e falei assim "É Zé cê deu foi sorte de num ter morrido já né" ai ele "Por que?" "É porque cê lembra desses dia tudo, esses tempo pra trás ai que cê correu de bala daqui e dali?" ai ele "Num foi ocê não né?" ai eu "Lógico que não, foi eu não, quem fez isso foi meu revolver mesmo. Só isso,

cê é doido, eu num vo chegar e fazer alguma coisa com cê, eu não sô. Tenho peito pra isso não, mas meu dedo tem, meus dedo aqui é calejado" falei com ele desse jeito. (Jovem 3)

Ao falar sobre sua trajetória de vida, estabelece um imperativo extremamente determinista, uma sentença. O jovem diz:

A pessoa quando ela já nasce o caminho dela já deve ta escrito ali assim, cê entendeu? O caminho já deve ta escrito, cê vai ser um advogado, ocê vai ser um policia, cê vai ser isso, cê vai ser aquilo, então a minha vida foi ao invés de seguir pra cada um caminho diferente, eu parei de estudar quando eu tava no... por causa que eu antes tava vendendo droga, agora eu já não faço isso mais nem pretendo voltar. Mais fácil cê matar os outros por dinheiro, muito mais fácil. Mas, num vale a pena também não. [...] Pra mim tava escrito assim: cê vai fazer isso, isso e isso. Cê vai entrar nessa vida pra matar e morrer, acho que pra mim o que tava escrito é isso aí. (Jovem 3)

Ele mata pelo destino, porta-se como se fora uma sentença. Nascido para matar. Curioso destacar que o jovem nascido para matar, parte da morte no desejo do Outro.

Está relação do sujeito e do Outro é fundante. Esta dimensão recebeu um especial destaque na pesquisa. A partir de agora aborda-se-á a temática da constituição do sujeito, quinta categoria a ser analisada.

Sobre a constituição do sujeito, Santos (2011), afirma: "o sujeito da psicanálise, o sujeito do inconsciente. Trata-se de um sujeito regido por um modo de funcionamento psíquico estruturado a partir dos registros, das marcas, da atemporalidade e capaz de construir sua própria realidade psíquica." (SANTOS, 2011, p.23)

O autor reporta ao ensino laciano que aponta que o sujeito deve advir do inconsciente. Um inconsciente análogo a uma pulsação. Santos (2011) destaca:

Nesse sentido, o sujeito laciano é uma produção pontual, algo efêmero, um sujeito pulsional, advindo do real e não uma condição dada e permanente. Cabe destacar, que o sujeito do inconsciente se estabelece como resposta ao real pulsional. (SANTOS, 2011, p.29)

O referido autor, associa a noção de sujeito e de processo de subjetivação, como a movimentação de um sujeito que se faz a partir dos significantes e, a partir deles, significam a propria experiências, construindo dessa maneira uma rede de significantes como forma de lidar com a falta e também como meio de lidar com a castração.

Quando associa-se a noção de processo de subjetivação e o relato dos jovens, é possível observar a constituição do sujeito e a prática criminal, como pode-se observar na fala do jovem 3. Ele diz:

Ah eu comecei pra falar a verdade (...) desde moleque que eu era... sempre tive uma ruindadezinha andando comigo, mas, eu comecei mesmo andando com os caras mesmo e vendo os caras tirar a vida do outro desde os 8 anos de idade, aí eu comecei a andar, aí os caras viraro e falaram "Hoje cê vai fazer um cara" no dia do meu aniversário. (Jovem 3)

Na fala do jovem é possível observar traços constitutivos, marcas que podem ser reconhecidas a partir da nomeação de "ruindadezinha" ou de sentença que vem do campo do Outro no dito "Hoje cê vai fazer um cara".

No que se refere ao processo de subjetivação é possível perceber no relato do jovem o deslocamento da "ruindadezinha" para a "raiva". Ele diz:

A raiva, eu comecei a ter muita raiva dos outros. Que é igual eles fala se a pessoa tiver ódio, se tiver ódio da pessoa ela num faz a pessoa assim não, ela vai torturando a pessoa. Já eu não, eu num gosto de ver tortura não, eu gosto de ver só o sangue. (Jovem 3)

Sobre sua constituição e a questão da ruindade, afirma:

Sei não, acho que alguma coisa ruim que deve me acompanhar por ai tem condição não. Que eu num era assim não, eu tenho o coração bom, mas na hora de fazer as coisas eu tenho que ter o coração ruim. Deve ser essa ruindade que eu carrego nesse peito aí. (Jovem 3)

A todo momento é possível perceber um aprisionamento no dito do Outro que constitui este sujeito. Um aprisionamento e o um determinismo, como se observar na fala sobre a manutenção de sua vinculação com a criminalidade. Ele destaca:

Que que me mantinha fazer isso é o que (...) é [...] eu vendia droga até os 18 ano, fazia ai, ao mesmo tempo que eu vendia droga eles me chamava "vão pra tal lugar assim?" "vão" acabava que lá mesmo a gente deixava uns 3, 4 no chão. E acaba que a gente vai tendo um envolvimento maior, que a gente mesmo, eu mesmo as vezes eu me pergunto o que que eu to fazendo nessa vida que até hoje eu não parei. Mesmo eu trabalhando, tendo meu trampo, trabalhando, mas eu acho que isso num vai me largar, tem condição não. (Jovem 3)

Até foram abordadas as seguintes categorias de análise: a circulação dos jovens; o acesso a drogas, tráfico e as decorrentes rivalidades; o envolvimento com a criminalidade; as configurações familiares e a trajetória; constituição do sujeito. Aborda-se-á, a partir de agora, outro aspecto relevante, a vinculação institucional, aqui entendida como: as interações que o jovem estabelece com as instituições e os impactos destas na inserção e na possível saída das práticas criminais.

Esta categoria ganha relevância a partir de uma das hipóteses da pesquisa que associa a saída das práticas

criminosas a partir da vinculação institucional.

Ao longo das entrevistas observou-se uma vinculação institucional que com vários setores. A escola é um lugar de vinculação, não necessariamente pelo processo de escolarização, nem tão pouco pelo processo de ensino / aprendizagem. A escola como um lugar de fazer laço com os colegas. Como relata o jovem 1 ao dizer da rotina do plantão noturno do tráfico e em seguida a ida para a escola. Ele afirma:

Tomava energético e ia pra escola, eu ainda estudava. Às vezes eu saia seis e meia, seis hora. Ia em casa tomava banho, ia pra escola ainda. Eu gostava de ir pra escola pra zuar esses trem. Que eu nem não estudava também não, eu ia e dormia lá até nove e meia, depois prestava atenção um pouquinho e isso aí. Depois eu fui e desisti da escola também.

[...] Tipo, que quando eu tava lá na eu não tinha muito contato com ninguém, conversava só com os menino de lá. Aí eu ia pra escola, enquanto não tinha guerra. Aí depois eu criei guerra. Minha escola era aqui, aí não podia ir mais. (Jovem 1)

Na fala do jovem é possível perceber um laço frágil com a escola e como essa instituição não tem força suficiente para fazer um corte na trajetória do sujeito e sua vinculação com o tráfico de drogas.

Outro aspecto marcante nas entrevistas é a desvinculação institucional em função das várias rivalidades e limitações no que se refere a circulação territorial. Como relata o jovem 2 ao associar a interrupção da vida escolar com as rivalidades locais. Ele diz:

Desse conflito que eu to falando concês. Eu não acabei de estudar. [...] Eu não acabei porque os cara correu atrás de mim e dos meus colegas lá na escola lá. Fez nós correr demais até chegar aqui em casa. Aí eu parei de estudar. Prefiro minha vida do que a escola. Hoje eu prefiro a escola porque se eu não estudar eu não vou conseguir nada. (Jovem 2)

Ao longo das entrevistas surgiu outro fragmento do laço institucional, especificamente na fala do jovem 2 em relação ao programa Fica Vivo!, ele diz:

Eu saia de manhã, de casa, ia pro Fica Vivo! Jogava bola até de tarde, fazia umas oficina lá, então não tinha tempo de ficar igual meu primo, ficava na rua 24 horas, que ele falava que o Fica Vivo era de bobo, era de moleque pequeno. Nó! Várias e várias vez..., deve ter matrícula dele aí, no Fica Vivo ainda, que ele já foi matriculado, e ele num...num quis participar. Então, os bobo, igual eu penso assim, eu to vivo aqui ó. O bobo que tá vivo. E se altas vez, altas vez, o pessoal lá me chama de bobo porque eu num vou, que eu converso, mas num vou, que eu passo, cumprimento, mas num vou. (Jovem 2)

O jovem associa a ocupação no Fica Vivo! como uma forma de se diferenciar do primo que participava de atividades junto ao tráfico de drogas. Nesse sentido, a vinculação institucional serve como forma de ocupação, e a possibilidade de outro laço para além do tráfico. Ele cita um projeto social e estabelece um paralelo com o programa Fica Vivo! como espaços onde se pode oportunizar aos jovens outro acesso, ele diz:

O Educart funcionava, agora é uma escola lá, Maria do Carmo Horeste, é...que...que fica ali em cima. É... eu ficava lá também muito tempo. Eu ficava lá terça, segunda, quarta e sexta e terça e quinta eu fazia projeto do Fica Vivo. Tinha um...é...esqueci o nome do projeto, mas era pelo Fica Vivo mesmo. Mas o Fica Vivo foi...ah... eu acho...falar a verdade, eu acho uma sacanagem aí, igual, acho uma sacanagem que acho que eles tão querendo acabar com o Fica Vivo. Eu acho sacanagem porque se...se muito jovem tivesse a oportunidade que eu tive, há um tempo atrás, num ia mais pra frente...é...é... como é que fala...é...ter outros caminho, prostituição ou...ou o mundo das droga ou vício de bebida ou, sei lá, alguma coisa assim. Porque o Fica Vivo, ele...tinha palestra que conversava com seus...é...um bucado de coisa, tinha altas palestra lá que eu participava de todas né, na verdade. (Jovem 2)

A vinculação institucional aparece no relato de dois dos três jovens entrevistados, mas em nenhum momento como um laço determinante para a desvinculação ao tráfico de drogas.

Sobre a desvinculação, abordar-se-á a partir da agora a última categoria de análise da pesquisa, as saídas possíveis. Está constitui a principal categoria de análise da pesquisa. Sobre saída, entende-se o movimento de desvinculação e as oscilações decorrentes do desejo do jovem de abandonar a prática criminal e as várias implicações que o impede de concluir linearmente este movimento, produzindo um percurso intermitente de saída, entrada e manutenção na dinâmica criminal.

Quando questionado sobre o que o levou a pensar em deixar o envolvimento com o tráfico de drogas, o jovem 1 destaca o envolvimento com uma parceira amorosa, ele diz:

Aí fui e conheci minha namorada, eu conheci ela. Eu era envolvido com esses trem ainda. Porque tipo, quando você tá assim, você conhece várias meninas, aí elas só quer roupa, quer rancar trem do cê. As menina que eu conhecia lá. Aí ela foi diferente. Eu queria comprar as coisas pra ela, e ela nunca aceitava nada. Aí eu pedi um abraço, ela não queria nem me dá um abraço quando eu era envolvido.[...] Minha mãe gosta muito dela, aí minha mãe conheceu ela, aí

as duas ficou me pedindo pra sair. (Jovem 1)

Cabe destacar que a pesquisa tem como hipótese que parcerias amorosas podem contribuir para a desvinculação de jovens do tráfico de drogas. Ao mesmo tempo que os jovens apontam que a entrada no tráfico se dá em função da necessidade de reconhecimento e acessos as mulheres, verificou-se que em alguns casos a saída também, por motivos idênticos.

Outro elemento que pode contribuir para saída do tráfico é a ocorrência de uma situação de traumática ou de extremo risco, como aponta uma das hipóteses da pesquisa. O risco de morte eminente faz o jovem pensar na possibilidade de deixar o tráfico, conforme constatado pela história do jovem 1, fato determinante foi um dito materno na cena de morte do amigo. Ele descreve o cenário da morte e um questionamento categórico da mãe que produz um corte. Ele descreve:

Eu tava na minha casa, tomando banho, porque no dia eu tinha plantão. Aí eu escutei aquele tanto de tiro, aí eu fui descendo correndo. Aí na hora que eu viro a esquina assim tá lá esse menino que era colega meu deitado assim com a boca cheia de sangue. Aí nos já tipo, eu e o outro menino que era envolvido nos três. Eu e o outro menino chegou correndo primeiro, porque ele tava na minha casa. Aí nos tipo pegou ele assim e colocou ele assim ó, tipo escorrendo sendo sangue na minha bermuda na época da gente assim. Aí ele foi tipo morreu assim, aí nos fico olhando assim.

[...] Aí morreu. Aí eu fiquei olhando. Aí minha mãe passou chorando assim e falou: Cê quer isso aí pro cê? Ela falou assim: Cê não abre o olho não, que ocê é o próximo! Minha mãe falou. Aí fiquei pensando. Aí fiquei um tempinho ainda. Aí depois saí. (Jovem 1)

No caso do jovem 1 tanto a parceria amorosa quanto o dito materno que realça uma cena traumática, contribuem para uma tomada de decisão do jovem de se desvincular do envolvimento com a criminalidade.

Observou um destaque no laço materno em relação ao desvincilhamento do tráfico. Como pode ser observado no relato do jovem 2. Ele descreve uma cena em que a mãe o vê armado e o receio dele diante da mãe, ele diz:

Levei pá minha casa, brincando com ela...coloquei na cintura, esqueci da minha mãe, esqueci da minha mãe! Saí lá pra fora, na hora que eu saí lá pra fora armado, minha mãe quase deu um infarto, quase que morreu! Aí eu pensei assim: se minha mãe me viu armado tá desse jeito, imagina se ela souber que eu vendo droga? Se imaginar que eu vendo droga? Aí eu vi ela chorando lá no canto, aí eu falei assim: ó mãe, eu num vou fazer a senhora chorar mais não. Fui lá na casa do meu colega, devolvi a arma a ele, devolvi a droga a ele, devolvi tudo

pra ele...nunca mais.

[...] Nó! Senti uma dor no peito muito grande. Eu nunca tinha feito minha mãe chorar não. (Jovem 2)

Como se vê o laço materno contribui para que o laço com o tráfico fosse rompido.

Já em relação ao jovem 3, a parceria amorosa está na origem para a desvinculação com o tráfico. Especialmente, a possibilidade de constituir uma família, vale lembrar que este jovem foi abandonado pela mãe e pelo pai. Quando interrogado sobre os motivos o levou a parar de vender droga, ele diz:

Essa mulher que eu to com ela agora, “cê escolhe ou eu ou a droga” virei pra ela e falei assim “ó droga só vai me dar loucura e lucidez, ocê vai me dar pode me dar uma família, cê pode me dar, pode ficar do meu lado cuidando de mim e a droga não, a droga só vai me fazer gastar com coisa que num tem nada a ver”. (Jovem 3)

Outro elemento para desvinculação do tráfico é o acesso a religião, como destaca o jovem. “Cabo que ela começo a me arrastar pra igreja e eu fui saindo desse mundão aos pouco, mas a hora que virar pra mim e falar assim “vão ali?” nós vai. Agora se num der tenho vergonha não.” (Jovem 3). Quando interrogado se a igreja ajudou no processo de desvinculação ele diz: “Ajudou, não só a igreja, mas o pastor da igreja, eu gosto dele pra caramba é como se ele tivesse me dado outra oportunidade de vida, pra mim tentar levar minha vida de outra forma.” (Jovem 3)

Um dado chama atenção no laço do jovem com as mulheres e com o programa Fica Vivo!, aliás com uma das técnicas da equipe. Quando interrogado se o algum programa o ajudou na saída do tráfico, especificamente o Fica Vivo! ele diz:

Ah o Fica Vivo mesmo pra mim é minha segunda casa, ou melhor primeira né? Por causa que eu num tenho casa, já tive mas os homi derrubou tudo. Igual a Marta, eu tenho a Marta como a minha mãe, pessoal ai do Fica Vivo é muito bacana, já fiz oficina no Fica Vivo, o Fica Vivo é como se fosse uma casa, uma casa pra gente pros jovens, que tenta tirar a gente desse mundão. Muitas vezes tenta tirar muito tarde, mas os que eles tenta sempre consegue. (Jovem 3)

No relato do jovem fica muito claro o laço estabelecido com a técnica e a transferência que se dá a partir da figura materna. Cabe lembrar os riscos colocados na transferência a medida que a mãe é aquela figura que abandona. Outro dado que não cabe ser analisado aqui é quando o jovem chega para a entrevista ele estava trans-torno pois havia terminado o relacionamento com a companheira e ameaça mata-la. Ao término da entrevista, ele sai sorrindo e com esperança de retomar a relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objeto a investigação do processo de subjetivação e a trajetória de jovens que se desvincularam de gangues envolvidas com o tráfico de drogas.

Conclui-se que, embora a pesquisa tenha tocado nos conceitos de subjetivação, trajetória e laço social, os conceitos de identificação e de gangue foram pouco explorados.

No que se refere à investigação sobre a inserção dos jovens junto a gangues e ao tráfico de drogas, a pesquisa mostrou que o acesso a drogas, a convivência com gangues no território e a participação de amigos e familiares em gangues contribuem para a inserção de jovens no tráfico de drogas.

Sobre os elementos individuais e coletivos para a vinculação com o tráfico e posterior desvinculação dele, a pesquisa revelou que a experiência de cada jovem no encontro com uma parceria amorosa e o laço com a mãe se constituíram elementos individuais importantes para a desvinculação do tráfico de drogas. Já os aspectos coletivos, como os territoriais, culturais, o não acesso, as vulnerabilidades sociais e econômicas funcionam como elementos coletivos para a entrada no tráfico. Dois elementos coletivos contribuíram para a saída de um jovem: a igreja e o encontro com uma técnica do *Fica Vivo!* é preciso ressaltar que há restrições em relação a considerar esse último fato como coletivo.

Sobre o funcionamento das gangues, este aspecto tangenciou a pesquisa, mas não foi seu alvo central. Da mesma forma, os vínculos estabelecidos entre os membros das gangues não tiveram centralidade. Os temas foram abordados, mas não se concluiu que eles interfeririam determinantemente na desvinculação do tráfico de drogas.

Por fim, com relação à investigação sobre a existência de elementos que contribuem para a desvinculação dos jovens das gangues e da dinâmica do tráfico, três elementos se destacaram na pesquisa: o laço com uma parceira amorosa, o laço com a mãe e o laço com a religião.

Um fator que merece atenção, embora não tenha sido alvo da pesquisa, foi a dificuldade de acesso aos jovens. A equipe de pesquisa optou por um acesso intermediado pelo programa *Fica Vivo!*. Para a surpresa da equipe de pesquisa, a maior dificuldade encontrada foi o não acesso das equipes técnicas de quatro Centros de Prevenção à Criminalidade (CPC) a jovens que faziam um movimento de desvinculação do tráfico de drogas.

Essa dificuldade das equipes do programa levou ao adiamento (em quatro meses) da conclusão da

pesquisa, bem como impactou na qualidade das análises, visto que depois de quase cinco meses de tentativa com quatro Centros de Prevenção à Criminalidade (CPCs) e a realização de apenas uma entrevista, foi apresentado para a equipe de pesquisa e viabilizado o acesso à equipe técnica do CPC de Nova Contagem, onde, no intervalo de uma semana, foram realizados contato, visita e duas entrevistas, o que contribuiu sobremaneira para a realização da pesquisa, mesmo faltando menos de dez dias para seu encerramento.

Como dito anteriormente, não nos cabe avaliar a eficácia e a eficiência das equipes de um programa parceiro; cabe apenas destacar o impacto que esse fato teve na realização da pesquisa.

Esta pesquisa mostrou serem necessários o aprofundamento e a continuidade do estudo da temática do envolvimento de jovens com o tráfico de drogas e da sua desvinculação dele.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por nossa existência. À Instituição Newton Paiva, que possibilitou condições para a realização da pesquisa, e a todos os envolvidos nela. Ao professor assistente Alessandro Santos, pelo conhecimento e pela contribuição enriquecedora e amiga, durante todo o estudo. Aos bolsistas, pela dedicação e empenho. À equipe do *Fica Vivo*, que contribuiu para a definição dos sujeitos participantes, e a estes, que dedicaram seu tempo para conceder as entrevistas, fontes imprescindíveis para construção da pesquisa, nossa gratidão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Fernanda Otoni. O objeto "a" é um fundamento do laço social. 2007. *Revista Almanaque On-line*. Ano 01, n.01, jul-dez, 2007. Disponível em: <<http://www.institutopsicanalisemg.com.br/psicanalise/almanaque/textos/O%20objeto%20a%20como%20fundamento%20-.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

MIRANDA, Emanuelle Lopes. *Juventude e criminalidade: contribuições e apontamentos da Teoria do Controle Social*. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9BDH68/juventude_e_criminalidade___contribui__es_e_apontamentos_da_.pdf?sequequ=1>. Acesso em: 10 de jul. de 2014.

ROCHA, Rafael Lacerda Silveira. *A guerra nunca acaba: Uma análise das relações de rivalidade violenta entre gangues em um aglomerado de Belo Horizonte*. Disponível em: <www.cpqr.fiocruz.br/intranet/noticias/arquivos/RafaelRocha.pdf> Acesso em: 14 de jul. de 2014.

SANTOS, Alessandro Pereira dos. *Por que matará? Sobre o processo de subjetivação de jovens membros de gangues que cometem o crime de homicídio doloso*. 2011. Disponível em: <<http://www.institutoelo.org.br/site/files/arquivos/a4fb7c5eb159a2d5364eb875f8d0275a.pdf>>. Acesso em: 16 de jun. de 2014.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil*. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em: 10 de jul. de 2014.

NOTAS

¹Coordenadora da Pesquisa. Docente do Centro Universitário Newton (erivane.rocha@newtonpaiva.br).

²Professor Assistente da Pesquisa. Docente do Centro Universitário Newton- (alessandronarede@hotmail.com).

³Bolsista voluntária da pesquisa. Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Newton

⁴Bolsista da pesquisa. Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Newton

⁵Bolsista voluntária da pesquisa. Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Newton.

⁶Bolsista da pesquisa. Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Newton.

⁷Bolsista da pesquisa. Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Newton